

Reflexões sobre o percurso do autor da literatura de Chico Buarque

CARVALHO, Nilson Pereira de.
Pós-graduação em Letras e Lingüística/Faculdade de Letras/UFG
noslinnilson@yahoo.com.br
Bolsista do CNPQ

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Crítica Literária; Chico Buarque.

Sob o título “O percurso poético na literatura de Chico Buarque”, o trabalho que desenvolvo pretende perscrutar a obra desse autor, tendo por base as estratégias de consolidação de autonomia empreendida no decorrer da aprendizagem de Chico Buarque em sua aventura literária. Para tanto, alguns aspectos foram estipulados como determinantes neste percurso, a saber, o herói, o gênero, a imitação, o geral e o particular e o mito.

A obra literária de Chico Buarque apresenta uma cisão inequívoca, quando se embrenha pelo gênero narrativo, abandonando certos procedimentos que predominavam em suas peças teatrais, e não somente aqueles que estruturam simplesmente este gênero.

Particularmente, o lugar do aspecto lírico nesse percurso torna-se bastante intrigante, uma vez que, ao passo que teatro mostra-se mais adequadamente permeável a intromissões líricas, os romances do autor resistem a esse artifício estilístico, o que interpreto como uma preocupação autoral em relação à “purificação” da arte literária pela busca incessante da essência da palavra, ou seja, da *littera*.

Demonstro, em meu trabalho, que esta preocupação de purificar a arte é uma estratégia literária do autor Chico Buarque, provocada pelo desequilíbrio das forças apolínea e dionisíaca na literatura. Daí a substituição da música pela palavra, aquela apresenta nas peças e esta mais rebuscada nos romances.

Essa contaminação percorre concomitantemente à integração entre a arte literária e musical, um traço personalizado do autor, motivo pelo qual, de vez em quando, a presente análise não se furtará a apontar aspectos da melodia e ritmos, além de outros relativos às canções presentes nas duas peças, e, quando, necessário, em outras do mesmo autor.

A música está no germe da composição literária. O papel desempenhado pelo coro trágico demonstra o aspecto original que compõe as tragédias gregas, a partir dos rituais dionisíacos, assim, por ser GD uma tragédia, inspirada ou adaptada da *Medeia* de Eurípides, é a própria música (melodia e letra) que dimensionam a “tragédia carioca” como expressão do espírito dionisíaco, e, portanto como composição que remete à própria essência do gênero trágico, consoante às seus aspectos plurais, desde a sua origem.

Para o filósofo Nietzsche, a tragédia se origina no caráter lírico da música, mas naquela que alegra o povo, proporcionada pela embriaguez do vinho, a música com a qual os sátiros dançavam e celebravam o ritual do deus Dioniso.

Dos elementos mais evidentes que demonstram o espírito dionisíaco em GD, e sua tensão com o espírito apolíneo, o aspecto musical é o mais destacável. É a partir da música que se instala uma seqüência de acontecimentos e ambientes que

evocam o dionisíaco, rompendo o véu apolíneo. Essa seqüência demonstra, em seu ciclo, uma retomada do ritual e do mito dionisíaco.

Assim, algumas reflexões se verteram em torno de uma instituição autoral entre o autor empírico e o eu lírico ou narrador ficcionais na obra de Chico Buarque. Aqui apresento algumas dessas reflexões, a título de provocações teóricas, as quais emolduram o estudo que proponho em minha tese de doutorado.

Algumas constatações foram percebidas a respeito do percurso do autor, eixo analítico do projeto de tese em desenvolvimento. Trata-se, principalmente, da possibilidade de tomar aspectos externos ao texto literário como elementos integrantes de uma arquitetura literária na composição de uma obra.

No caso de Chico Buarque, retomo a figura do autor como um personagem nas mãos dos “deuses da literatura”, isto é, dos desígnios autônomos da arte por ela mesma, num enredo para além do texto circunscrito no volume editado.

Em “Literatura e personagem” de Anatol Rosenfeld, (2002, p.19-20, o autor trata do conceito de “quase juízo”, usado por R. Ingarden. Na nota 4, há comentário de Thomas Mann sobre a ficcionalidade no ato de retratar os personagens de Lübeck – o tornar ficção. Isso é fulcral no meu trabalho, já que há autorização para algo que procuro discutir, inclusive, sobre outros objetos, a “ficcionalização do autor”. Ele mesmo, inserto na categoria ficcional, engendra um jogo de mão dupla na ficção. Assim, pergunta-se, por que, ao transportar o real objectual para o ficcional, pode-se aplicar parâmetros reais, ou seja, reconhecer a coerência cronológica do tempo em um romance, ou reconhecer uma cidade determinada em um conto, etc, e isso não ser possível no sentido inverso?

Algumas testemunhas me auxiliam nessa metodologia: “O autor de cada livro não é mais que uma personagem fictícia que o autor real inventa transformar em autor de suas ficções. (CALVINO, 1999, p.184); “As vidas dos indivíduos da espécie humana formam um enredo contínuo”(ROSENFELD, 2002, p22)

Portanto, advogo que sim, isto é possível, daí, o autor, como arquiteto de uma ficção – até quando se lê (ou vê) a seqüência de suas obras, sofre influências de estar sob a égide da ficção – ou seja – é possível, sim, que Chico Buarque, ou Eurípedes e Nietzsche tenham sido castigados pelo desequilíbrio dionisíaco em suas obras.

Em outras palavras, ocorre o ritual trágico do poeta, o qual desequilibra as forças apolíneas e dionisíacas invocando os temas políticos no lugar dos temas fundamentais dos homens e dos deuses. A fúria dionisíaca intervém com a punição necessária ao poeta, promovendo a restauração do equilíbrio das forças e o sacrifício do herói (no caso, o poeta).

Um argumento contundente, contrário a essa visão do literário criticado pelo literário, seria o fato de o percurso não ser intencional do autor, entretanto isto se torna mais ainda revelador da leitura que proponho, pois comprova o descontrole ficcional do autor sobre a própria obra.

Assim como adverte Rosenfeld que o leitor nem sempre teve consciência nítida do caráter ficcional da literatura, também alguns leitores só conseguem ver os autores como elementos de uma realidade objetiva da obra que fazem. Portanto, sendo possível “dar aparência real à situação imaginária” (2002, p.20), é possível dar situação imaginária à aparência real.

Não se deve esquecer que o nosso complexo objeto de estudo não é provável pelos instrumentos que busquem materializá-lo, mas pelos que o adensem quanto mais intangível, que o matizem quanto mais invisível, que realcem seus tons,

perfumes e sabores quanto mais inaudível, inodoro e insosso. A investigação sobre o objeto literário, aqui, proponho um estandarte, deve-se configurar numa espécie de ramo de “ciências ocultas”: “É, porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza.” (ROSENFELD, 2002, p.21)

Outro entreposto, que se insere no germe de minha investigação, consta da natureza do discurso de autoria na criação literária ou, como trata Rosenfeld, os “eus literários”. O tratamento que modernizou o discurso do eu-lírico ou o eu-narrador distintos do eu-empírico (poeta e escritor, acaba por propiciar a possibilidade de um outro “eu” que se coloca numa disposição semi-ficcional.

Assim se “o poeta finge mesmo a dor que deveras sente”, a circunstância do processo de fingimento do autor não pode receber absolutamente um tratamento de não-ficcionalidade, quer dizer, no processo de debreagem discursiva, delegação de discursos de títeres e manipuladores, faz concentrar um intrigante e abastado olhar sobre o processo manipulativo dos discursos literários.

Seguindo-se o exemplo provocado anteriormente, o caso da heteronímia de Fernando Pessoa é, para nós, o mais destacável. Ora, o olhar que se debruça sobre a obra poética do vate português, além de investigar tão simplesmente a criação literária de cada um dos heterônimos, também questiona esse ser que controla todos eles, e não é possível, terminantemente, dizer que se trata do eu-empírico Fernando Pessoa, com outras delegações sociais, históricas e físicas – um cidadão português. Ao contrário, é ele um poeta que engendra outros poetas mais, portanto ele mesmo se insere em um ambiente de ficcionalidade, não compatível com outras existências no mundo físico.

Também não se trata aqui de multifacetar o escritor (seu corpo físico e mental) em uma distribuição puramente funcional, uma vez que no mundo real, temos diferentes funções que se compatibilizam, todas elas regidas por uma lógica determinante. Daí não se pode colocar esse eu-manipulador no mesmo mundo real do eu-Pai-de-família, eu-marido, eu-funcionário, eu-consumidor, eu-leitor (nesse último caso, uma outra complexidade que intersecciona o mundo da criação), etc., como se todos eles convivessem paralelamente, sob a mesma lógica. Digamos que esse eu-manipulador seja uma categoria do eu-escritor esse sim, emparelhado às funções acima.

A visão de um organograma como tal prevê, por outro lado, relações de implicação de qualquer uma dessas funções, já que se trata de fato de um organismo alimentado pelas veias que em si fazem circular a “produtividade” humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1996.
BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
BUARQUE, C. *Roda viva*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
_____; GUERRA, R. *Calabar: o elogio da traição*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

- _____. *Ópera do malandro*. São Paulo: Cultura, 1978.
- _____. *Fazenda modelo: uma novela pecuária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- _____; PONTES, P. *Gota D'água*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- _____. *Estorvo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- _____. *Benjamin*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. *Budapeste*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- CALVINO, I. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Cia da Letras, 1999.
- CANDIDO, A et all. (org). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia*. 5. ed. Lisboa: Guimarães, 1988.
- STAIGER, E. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- UNAMUNO, M. *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1991. v.2.